

APRESENTAÇÃO DE DISSERTAÇÃO

Autora:

Rafaela Câmara Simões da Silva

Título:

A escrita bíblica no romance arturiano em prosa: a Demanda do Santo Graal e a Queste del Saint Graal

Como citar esta apresentação:

Rafaela Câmara Simões da Silva, «A escrita bíblica no romance arturiano em prosa: a *Demanda do Santo Graal* e a *Queste del Saint Graal*. Dissertação de Doutoramento em Estudos Literários, Culturais e Interartísticos – especialização em Literatura e Cultura, Estudos Comparatistas – apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto em Junho de 2019. Realizada sob a orientação da Prof. Doutor José Carlos Ribeiro Miranda», in *Guarecer. Revista Electrónica de Estudos Medievais*, n.º 4, 2019, pp. 111-117.

DOI: <https://doi.org/10.21747/21839301/gua4apr1>

A ESCRITA BÍBLICA NO ROMANCE ARTURIANO EM PROSA: A DEMANDA DO SANTO GRAAL E A QUESTE DEL SAINT GRAAL

Dissertação de Doutoramento em Estudos Literários, Culturais e Interartísticos – especialização em Literatura e Cultura, Estudos Comparatistas –, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto em Junho de 2019. Realizada sob a orientação do Professor Doutor José Carlos Ribeiro Miranda¹.

Rafaela Câmara Simões da Silva
Bolseira do Projecto MELE

Após uma primeira investigação conducente à nossa dissertação de Mestrado, em torno da influência bíblica exercida na *Estoire del Saint Graal*, especialmente no que à temática onírica dizia respeito, achámos interessante aprofundar e estender igualmente o estudo da matéria bíblica ao *Lancelot en Prose* e à *Queste del Saint Graal* e *Mort Artu*, textos que juntamente com a *Estoire* estão na base do grande ciclo de romances arturianos, designado “Lancelot-Graal”, redigido e organizado em França, por volta de 1220. Este projeto pareceu-nos, no entanto, ambicioso, dado o limite de tempo de que dispúnhamos para examinar com detalhe os diferentes romances que, numa primeira leitura se demonstraram prolíferos em referências às Sagradas Escrituras. Mais desafiante do que proceder ao levantamento de todas as formas de apropriação do texto bíblico no ciclo arturiano, trabalho este parcamente realizado por alguns estudiosos, seria sem dúvida compreender as implicações da presença bíblica na ótica do desenvolvimento narrativo dos romances em causa e do pensamento cíclico.

De facto, no plano da organização narrativa do ciclo arturiano, ainda que a homologia entre a estrutura da Bíblia e a dos romances já tenha sido defendida, nem todas as modalidades dessa impregnação bíblica detetada no conjunto textual foram devidamente exploradas e compreendidas no quadro cíclico. Foi neste prisma que situamos a nossa investigação, circunscrevendo o nosso *corpus* de estudo à *Demanda* portuguesa e à *Queste Vulgata*, as duas versões da «Queste-Galaad», texto terminal do ciclo, oriundo da primeira organização cíclica que conteria o relato da busca do Santo Graal pelo Bom Cavaleiro e a queda do mundo arturiano.

¹ Disponível em:

https://catalogo.up.pt/exlibris/aleph/a23_1/apache_media/MR2AQY7HSVDTG2C83FSYD763RBKGKH.pdf

Com o propósito de conceder uma reflexão sobre a influência das Escrituras Sagradas nos dois referidos romances, propusemos uma análise comparatista entre os dois textos, sobre os quais não manifestámos apriorismos, confrontando-os simultaneamente com a fonte bíblica. Privilegiámos como linha orientadora deste estudo a ótica alegórica, numa conceção literária, mas sobretudo exegética, por constituir igualmente a alegoria um dos sentidos de interpretação da Bíblia, processos de representação e de interpretação comuns aos dois universos textuais. Considerámos assim necessário, em primeiro lugar, partir de uma reflexão acerca da tradição bíblica desenvolvida no âmbito da alegoria e das modalidades nela envolvidas, analisando, num segundo momento, o que desta dimensão representativa o romance arturiano retém e adapta.

Dividimos o nosso trabalho em quatro partes, as duas primeiras partes consistindo numa descrição dos dois universos textuais reunidos neste estudo.

Dedicámos a primeira parte à organização cíclica do romance arturiano em prosa, bem como à matéria narrativa do *corpus* selecionado para análise (*Demanda* e *Queste Vulgata*).

Na segunda parte, concedemos uma breve panorâmica da prática da exegese bíblica na Idade Média, nomeadamente no que diz respeito aos diferentes níveis de significação do texto sagrado consolidados no período medieval, mais comumente reunidos nos quatro sentidos estabelecidos no início do século XIII. Nesta abordagem, destacámos o sentido alegórico, explanando-o de acordo com a distinção entre a *allegoria in verbis* e a *allegoria in factis* definida pelos exegetas, designações que traduzem a ideia de que não só as palavras transmitem significado, mas também as realidades ou acontecimentos são portadores de sentido.

Baseando-nos nestas duas vertentes da alegoria e recorrendo à terminologia exegética, organizámos as últimas duas partes deste trabalho, consagradas à análise da apropriação romanesca dos diversos mecanismos de linguagem e de interpretação oriundos do Livro Sagrado, numa abordagem prática desta questão. Iniciámos, assim, um estudo comparatista, em primeiro lugar, entre os textos arturianos e a fonte bíblica, assinalando em seguida as diferenças existentes entre a *Demanda* e a *Queste Vulgata* nessa adaptação dos mecanismos decalcados nas Escrituras Sagradas. Assim, com a metodologia por que optámos neste confronto de textos, procurámos não só examinar o processo de apropriação da escrita bíblica, mas compreender também as implicações e o objetivo dessa convocação nos dois romances em causa.

A terceira parte deste estudo incidiu em particular na apropriação romanesca da *allegoria in verbis*, observada nas metáforas e parábolas bíblicas convocadas nos dois romances em estudo. Após uma breve exposição teórica destas modalidades alegóricas, consideradas na perspetiva literária, mas acima de tudo no âmbito da tradição bíblica e do pensamento exegético dos séculos XII e XIII, atentámos na sua aplicação concreta no romance arturiano. Neste estudo pormenorizado das metáforas e das parábolas bíblicas, procurámos compreender o intuito da sua convocação na *Demanda* portuguesa

e na *Queste Vulgata*, ou nas duas versões quando as mesmas se verificavam, averiguando deste modo a estratégia de escrita adotada por cada romance. Notámos que, na *Queste Vulgata*, tanto as parábolas como as metáforas convocadas visavam a mesma estratégia de fundamentar a argumentação teológica em favor da leitura exclusivamente espiritual e ascética que este romance nitidamente promove. A utilização de parábolas e metáforas inspiradas na Bíblia viabiliza, na versão da *Vulgata*, a sub-reptícia assimilação do cavaleiro ao crente, destituindo a problemática cavaleiresca do significado sociopolítico que no conjunto cíclico possui de acordo com os ideais celebrados desde o *Lancelot en Prose*. É, de facto, em harmonia com esses pressupostos ideológicos, já fomentados nos anteriores romances cíclicos, que a *Demanda* recorre às parábolas e metáforas bíblicas, seguindo de perto a mesma linha de pensamento que encontramos nos restantes textos que compõem o ciclo.

Dedicámos, por fim, a quarta e última parte à *allegoria in factis*, segunda vertente da alegoria que corresponde à interpretação tipológica das Escrituras. A fim de compreendermos a assimilação da dimensão alegórica na interpretação do perfil do herói do Graal, enquanto figura ou tipo de Cristo, tal como defendida por estudiosos anteriores, mas neste trabalho aprofundada, considerámos relevante refletir primeiramente nos dois mecanismos bíblicos aos quais recorre amplamente o romance arturiano – a profecia e a genealogia. Tal como comprovámos, ambos se enquadram nesta dimensão da alegoria, aliando-se estas estruturas significativas (ou mecanismos) de impregnação bíblica às problemáticas ideológicas que articulam o ciclo, reforçando-as, nomeadamente no que diz respeito às questões linhagísticas atinentes ao processo de transmissão do legado espiritual e histórico. Neste sentido, dedicámos uma secção à conceção bíblica da profecia messiânica e ao seu reinvestimento no romance arturiano, numa tentativa de apurar a sua função e o seu aproveitamento na construção do universo ficcional em âmbito cíclico.

Como pudemos constatar, a profecia consiste no mecanismo bíblico predileto usado para anunciar o «Messias» arturiano, recurso este que confere um cunho providencialista a toda a construção cíclica, ao mesmo tempo que promove o estatuto de «eleito de Cristo» no seu herói – Galaaz/Galaad. Através da escrita profética a unidade e coerência do ciclo é consolidada, no mesmo esquema bíblico de enunciação da profecia e do seu cumprimento, desenvolvendo-se, igualmente deste modo, a matéria gradaliana, sobretudo no que concerne a todo o itinerário do Bom Cavaleiro. A formulação de algumas profecias no «passado profético» (mecanismo de linguagem próprio dos livros proféticos da Bíblia) observada em algumas passagens da *Estoire del Saint Graal* e do *Lancelot en Prose*, os romances que, do ponto de vista da diegese, antecedem a «Queste-Galaad», é extremamente reveladora quanto à minuciosa aplicação do modelo bíblico no romance arturiano. Como observámos, tal estratégia discursiva do redator-narrador proporciona a mesma perspetiva providencialista dos autores dos textos veterotestamentários.

Aliada à profecia, também a genealogia consiste, como verificámos, numa estrutura tipológica à qual recorre igualmente o romance arturiano. O argumento genealógico é estrategicamente usado com o fim de uma aproximação ao modelo sagrado, reforçando não apenas a eleição do «Messias» da cavalaria através do vínculo linhagístico estabelecido entre Galaaz/Galaad e David, antepassado que o herói arturiano partilha com Cristo, mas permitindo também assinalar a história do Graal num ritmo e numa perspetiva semelhantes aos do Livro Sagrado. Como vimos, na secção dedicada à temática genealógica, a sequência das «dez gerações», decalcada na Bíblia, é reproduzida desde a *Estoire del Saint Graal* com o firme propósito de estabelecer a mesma ótica sagrada de progressão temporal, preparando o cumprimento da missão profetizada para Galaaz/Galaad, que designamos «Jubileu da cavalaria» (acontecimento), uma vez mais, decalcado das Escrituras, no Jubileu bíblico, descrito no livro de Levítico como o dia da libertação por excelência, das terras e dos indivíduos – uma autêntica amnistia instituída por Deus). Este ritmo geracional permite perspetivar a narrativa cavaleiresca e gradaliana segundo a mesma dinâmica da história bíblica.

O paralelismo detetado entre o romance arturiano e a fonte bíblica – um esquema que, segundo cremos, foi preparado pelos redatores desde a *Estoire del Saint Graal* e repetido no *Lancelot en Prose* – levou-nos a compreender que o plano concernente ao Bom Cavaleiro e à sua futura entrada em cena nas aventuras do Graal, projetado para o desfecho cíclico, fora inspirado no «goel» da Bíblia – o designado «redentor» do clã familiar, figura fundamental no cumprimento do Jubileu.

Por fim, na última secção desta quarta parte, procedemos a uma leitura tipológica do perfil e da missão do herói do Graal, Galaaz/Galaad, relativamente à figura de Cristo, examinada à luz dos mecanismos bíblicos observados nos anteriores capítulos (a profecia e a genealogia), procurando com esta análise compreender de que modo é a tipologia reinvestida nas duas versões da «Queste-Galaad», tendo em conta o plano cíclico arquitetado na *Estoire del Saint Graal* e no *Lancelot en Prose*, romances que diegeticamente antecedem a *Demanda* e *Queste Vulgata*.

Assim, pudemos chegar a importantes conclusões.

No cotejo das duas versões da «Queste-Galaad» verificámos que, no que respeita ao seu protagonista, um perfil bem diverso é evidenciado por cada um dos romances. Neste prisma, a *Demanda* coaduna-se plenamente com o que fora anteriormente projetado para o filho de Lancelot, fazendo dele o «goel» da cavalaria com características semelhantes a Cristo, a quem pós-figura, mas não substitui. Do lado da *Queste Vulgata*, Galaad não assume essa mesma função, mas parece agir muito mais como um seguidor de Cristo, numa linha de discipulado, exercendo uma influência semelhante à dos Apóstolos na sua atividade pós-pentecostal. Estamos convictos de que Galaad não intervém no romance da *Vulgata* (nem tampouco na *Demanda*) como substituto ou continuador de Cristo, como a maioria da crítica arturiana defende, equiparando-se melhor o perfil do protagonista da *Queste Vulgata* ao retrato de um santo premiado por uma vida exemplar, uma perspetiva edificante muito mais

compatível com este romance, perdendo-se – pelos ajustes de uma nova leitura guiada por um rigoroso ascetismo – as linhas ideológicas que a narrativa cavaleiresca e gradaliana desenvolve no conjunto cíclico. Nesta ótica, torna-se perfeitamente compreensível que a refundição que esteve na origem da versão Vulgata fomenta uma certa aversão à cavalaria cortês, que não se coaduna com a ideologia de índole religiosa que incrementa, dando primazia à espiritualidade que a redação primitiva naturalmente continha, mas otimizando-a para fins edificantes, afastando-se a *Queste* Vulgata da lógica desenvolvida no primeiro ciclo arturiano. Também nesse prisma se justifica que no texto da Vulgata se proporcione, sempre que possível, uma visão alegórica da própria instituição cavaleiresca, a fim de que o leitor veja nela representada a Humanidade e se possa identificar com os diferentes perfis de crentes que os empreendedores do Graal exemplificam. O episódio do túmulo encontrado por Galaad/Galaaz numa abadia, uma das primeiras aventuras do herói do Graal, analisado em paralelo nos dois romances foi, neste sentido, extremamente significativo. Pelas diferenças detetadas, comprovámos a perspectiva que cada romance assume quanto a esta questão., concordando perfeitamente a *Demanda* com o raciocínio iniciado nos anteriores romances do ciclo, não manifestando relativamente aos seus antecedentes qualquer divergência ideológica, nomeadamente no que concerne a problemática cavaleiresca.

O estudo da alegoria bíblica nas suas diferentes realizações de sentido e a investigação atenta da sua aplicação em âmbito romanesco levou-nos a encarar sob uma nova perspectiva as relações que a *Demanda* e a *Queste* Vulgata estabelecem com o ciclo arturiano em prosa, mas também a reconsiderar o valor de cada texto face à possível reconstrução do conjunto que terá constituído o primeiro ciclo em prosa. De facto, apesar de partilharem o mesmo modelo de escrita, as duas versões da «*Queste*-Galaad» manifestam diferenças muito significativas na sua adaptação. A *Demanda* portuguesa mostrou-se mais fiel à arquitetura cíclica, ao contrário do que constatámos no texto da Vulgata. Ainda que se trate de uma refundição da primitiva «*Queste*», visando a adição da matéria tristaniana, característica nesta segunda reformulação do primeiro ciclo, a *Demanda* revelou neste estudo uma maior proximidade e harmonia com o espírito do primeiro ciclo em prosa, construído em torno de Lancelot e da sua linhagem. A análise minuciosa da impregnação bíblica no romance português permite-nos postular um novo argumento em favor da autonomia da *Demanda* relativamente à *Queste*, o que inviabiliza a designação «*Pós*-Vulgata» que grande parte da crítica lhe tem atribuído. No mesmo prisma, o aproveitamento bíblico observado na *Demanda* em nada se mostrou adverso – mas antes, consonante –, com as linhas narrativas e ideológicas cíclicas, o que confirma a proximidade do texto português relativamente ao primeiro ciclo em prosa. Conforme constatámos, a *Demanda* constitui uma peça fundamental para a reconstrução da primitiva «*Queste*-Galaad» e para a compreensão do conjunto textual à qual esta pertencia.

À semelhança do que declara Paulo na sua primeira carta aos Coríntios (13:12), referindo nela a metáfora do espelho e enfatizando a imperfeição da imagem que o

espelho refletia, podemos nós também afirmar que, no âmbito do romance arturiano, a influência bíblica é ainda tenuemente evidenciada, podendo este trabalho alimentar novas pesquisas num domínio que nos parece hoje inesgotável.